

ORGANIZADORES  
ANA CLÁUDIA NÉRI BASTOS  
EDER JOSÉ DE LIMA

AUTORAS

Dayana Kelly Oliveira da Silva  
Eda Maria Sousa Matos da Conceição  
Jeane Laura de Almeida Flores  
Jóici Pinheiro da Silva  
Lucia Regina Correa  
Mirela Nogueira dos Santos

**JOGOS E BRINCADEIRAS ATRAVÉS  
DA RECICLAGEM NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**



**1ª Edição**

---

ISBN 978-65-84809-07-9  
2022

1ª edição

ORGANIZADORES

ANA CLÁUDIA NÉRI BASTOS  
EDER JOSÉ DE LIMA

AUTORAS

Dayana Kelly Oliveira da Silva  
Eda Maria Sousa Matos da Conceição  
Jeane Laura de Almeida Flores  
Jóici Pinheiro da Silva  
Lucia Regina Correa  
Mirela Nogueira dos Santos

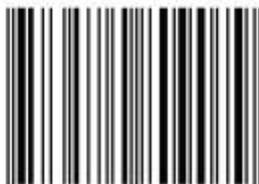
# **JOGOS E BRINCADEIRAS ATRAVÉS DA RECICLAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

ISBN 978-65-84809-07-9

2022

ISBN: 978-65-84809-07-9

**CSL**



9 786584 809079

 <http://periodicorease.pro.br/>

 [contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

 +55(11) 94920-0020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

J64 Jogos e brincadeiras através da reciclagem na educação infantil [livro eletrônico] / Dayana Kelly Oliveira da Silva... [et al.]. – São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2022.  
62 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-07-9

1. Educação infantil. 2. Reciclagem. 3. Prática de ensino. I. Silva, Dayana Kelly Oliveira da. II. Conceição, Eda Maria Sousa Matos da. III. Flores, Jeane Laura de Almeida. IV. Silva, Jóici Pinheiro da. V. Correa, Lucia Regina. VI. Santos, Mirela Nogueira dos.

CDD 365.981

**Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422**

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

---

<i>Editora-Chefe</i>	Dra. Patrícia S. Ribeiro
<i>Revisão</i>	Os autores
<i>Projeto Gráfico</i>	Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista
<i>Organizador</i>	Ana Cláudia Néri Bastos/ Eder José de Lima
<i>Conselho Editorial</i>	Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho María Valeria Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

## LISTA DE FIGURA

FIGURA 1: AS CRIANÇAS ERAM VISTAS COMO ADULTOS EM MINIATURAS .....	13
FIGURA 2: RODA DOS EXPOSTOS.....	15
FIGURA 3: AMARELINHA .....	28
FIGURA 4: CRIANÇAS, TOCANDO, EM, ESCOLA, PÁTIO RECREIO .....	30
FIGURA 5: PROFESSOR E CRIANÇA BRINCANDO JUNTOS .....	37
FIGURA 6: O LIXÃO DE CUIABÁ E A GERAÇÃO DE IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS.....	43

## SUMARIO

APRESENTAÇÃO .....	09
CAPÍTULO 1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	12
CAPÍTULO 2 – OS JOGOS E BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA.....	24
2.1 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS, DO BRINCAR E DA BRINCADEIRA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM .....	32
2.2 O JOGAR E AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O PAPEL DO PROFESSOR..	37
CAPÍTULO 3 – RECICLAGEM - JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	42
3.1 A RECICLAGEM NO PROCESSO EDUCACIONAL .....	47
3.2 A SUCATA COMO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....	53
3.3 ATIVIDADES SUGERIDAS .....	55
CONCLUSÃO .....	57
REFERÊNCIAS .....	59

Brincar em tempos distantes possuía pouco valor, principalmente porque a criança era vista como um adulto em miniatura, ou seja, era vestida assim, era preparada para o trabalho, e estava sempre em um ambiente não adequado para ela.

Com o passar do tempo, a criança começou a ser valorizada e assim ganhou o direito de brincar e jogar e se tornar uma criança de verdade. Por outro lado, o meio ambiente também está degradando, há cada vez mais lixo, e cada vez mais lixo está degradando. É claro que campanhas e programas governamentais ajudam a minimizar esse feito, mas o problema ainda é enorme. Por isso, surgiu a ideia de estudar como melhorar a conscientização das crianças sobre a reciclagem de resíduos na educação infantil, ao mesmo tempo em que se fazem jogos e brincadeiras, combinando educação ambiental e jogos lúdicos ao desenvolvimento. Portanto, o objetivo geral deste estudo é mostrar como a confecção de jogos e brincadeiras por meio da reciclagem pode conscientizar as crianças da educação infantil sobre a não degradação do meio ambiente, proporcionando-lhes atividades lúdicas que as conduzam ao desenvolvimento global.

O brincar é uma coisa tão rica, e por meio dessa ação pode-se traçar uma série de fatores importantes do desenvolvimento infantil na educação infantil.

Um desses fatores é dar às crianças a liberdade de pensar, criticar, tomar consciência de algo, construir sua autonomia, tudo de forma divertida e criativa.

É sabido que o comportamento humano contribui para a deterioração do meio ambiente, e mesmo com campanhas governamentais e programas de educação, o problema continua e aumenta a cada dia.

Dessa forma, nasceu a ideia de aliar educação ambiental/lúdico para fazer com que as crianças na primeira infância percebam o quanto é divertido fazer e brincar com a reciclagem do lixo doméstico. Portanto, o objetivo geral do estudo será mostrar como a confecção de jogos e brincadeiras por meio da reciclagem pode conscientizar as crianças da primeira infância para a não degradação do meio ambiente, proporcionando-lhes atividades lúdicas que as conduzam ao desenvolvimento global.

E como objetivo específico:

- Destacar a origem e evolução da educação infantil;
- Analisar jogos e brincadeiras infantis;
- Retratar a reciclagem na aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras na educação infantil.

A educação ambiental é a ferramenta mais poderosa para equilibrar a relação entre as pessoas e o meio ambiente, para que ambos possam viver em harmonia e prosperar. Assim, a escola é o principal palco da aprendizagem da educação ambiental; embora possa ser fundamental, esta etapa certamente não é a última, mas apenas uma etapa. Então quanto mais ajuda melhor.

A questão da problematização de pesquisa será: Os educadores fazem em educação ambiental/lúdico uma conexão?

Essa problematização será discutida a partir de três capítulos:

**Capítulo 1** - Apresentará a origem e evolução da educação infantil e da própria infância;

**Capítulo 2** - Mostrará a importância do brincar e dos jogos para as crianças na educação infantil e como os professores podem trabalhar com elas para promover o seu desenvolvimento.

**Capítulo 3** - Terá como foco como o lixo, a reciclagem e a sucata podem fazer jogos e promover brincadeiras que contribuam para a educação ambiental.

Os levantamentos bibliográficos serão utilizados como recursos metodológicos. “A revisão bibliográfica é construída com as várias fontes pesquisada sendo uma discussão entre os autores da qual resulta uma consideração final” (MINAYO, 2004, p. 67).

Concluiu-se que a intersecção da educação ambiental e do brincar é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois com o brincar e os brinquedos, ela sentirá a alegria de aprender, e ao confeccioná-los, perceberá que o lixo pode se tornar algo tão bonito e criativo, como qualquer brinquedo industrializado. A melhor parte é que ela constrói do seu jeito, o que cria sua autonomia. Este livro foi desenvolvido por meio de pesquisa de referencial teórico.

As autoras.

## — CAPÍTULO 1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo objetiva apresentar um panorama sobre a origem e a evolução da educação infantil, pois durante vários períodos históricos esse período educacional era de responsabilidade exclusiva da família, ou do grupo social associado à criança.

[...] as crianças na Idade Média, eram tratadas de uma maneira sistematizada em alguns costumes legados da Antiguidade, onde o pai definia o papel das crianças que incluía também, o de tirar-lhe a vida, caso o rejeitasse. No mundo germânico, além do poder do pai exercido no seio da família, existia o poder patriarcal, exercido pela dominação política e social. Nas sociedades antigas, o status da criança era nulo, sua existência no meio social dependia totalmente da vontade do pai, podendo, no caso dos deficientes e das meninas, ser mandados para prostíbulos em lugar de serem mortas; em outros casos, as crianças pobres, eram abandonadas ou vendidas. Com a ascensão do cristianismo, o modo de lidar com as crianças mudou, apesar da mudança ter sido em um processo lento (ARIÈS, 2006, p. 27).

Como pode ser visto na citação acima, a sociedade medieval não valorizava a infância, a vida da criança pertencia aos pais e eles podiam fazer o que quisessem, até mesmo matá-la.

As crianças geralmente eram cuidadas de maneira dispersa na sociedade, e o vínculo afetivo entre pais e filhos não era muito próximo. Estas relações não eram caracterizadas por intimidade ou intensidade emocional (ROSEMBERG, 2001). As crianças vestiam roupas de adultos e participavam de brincadeiras, festas e jogos, e momentos com eles como se fossem “um adulto em miniatura”. A criança não tinha um ambiente certo.

**Figura 1:** As crianças eram vistas como adultos em miniaturas



Fonte: <https://www.google.com>

Cruz (2000, p. 45) explica que “assim que deixava o cueiro, a criança se vestia como os outros homens e mulheres, nada nos trajes medievais a separava do adulto, embora a roupa mostrasse a hierarquia social”.

Além disso, meninas e pessoas com deficiência eram alojadas em bordéis ao longo do tempo, um descaso com a infância. Somente no cristianismo a infância começou a ser valorizada, ainda que de forma muito modesta.

Com o advento do capitalismo, houve um foco crescente na infância (CRUZ, 2000). No entanto, esta preocupação deve-se ao fato das mães trabalharem nas fábricas e não terem como manter os filhos consigo.

Nesse período, existiam creches que prestavam auxílio e atendimento a essas crianças, atendendo suas necessidades básicas, mas não havia atividades pedagógicas, jogos ou brincadeiras para esse fim. Esse apoio às crianças também era limitado àquelas cujas mães trabalhavam, porque por terem de trabalhar, eram humilhadas, exploradas em fábricas de tecido, carvoeiras, e suas infâncias não eram protegidas.

Portanto, a educação infantil ainda não possuía uma legislação que a tornasse um direito da criança.

Dessa forma, como no mundo, a atenção do Brasil à educação infantil é relativamente recente, mais precisamente no século passado, pois até o século XIX, as crianças negras eram escravas, e alguns anos depois as crianças brancas e negras trabalhavam nas fábricas, sem o direito de ter uma infância digna.

No Brasil, até meados do século XIX, quase não existiam creches. Por outro lado, esse caminho foi possibilitado por uma mudança na forma como a sociedade pensa o que significa ser criança e o quanto ela valoriza momentos específicos da infância. Nesse período, apenas a “Casa dos Expostos”, também chamada “Roda dos Expostos”, prestava assistência a crianças abandonadas da primeira infância.

Algumas instituições, como esta, foram criadas para atender às necessidades básicas das crianças (CRAIDY; KAERCHER, 2001).

Segundo Craily e Kaercher (2001), a instituição Casa ou Roda dos Expostos era considerada uma creche popular, que apenas oferecia alimentação, higiene e segurança física.

**Figura 2:** Roda dos Expostos



Fonte: <https://www.google.com>

Essas instituições eram muitas vezes mantidas pela religião, e a infância não era para ser aproveitada; as crianças eram associadas a condições rejeitadas e, em sua educação, a moralização era priorizada. Tais instituições possuíam características de atendimento e assistência domiciliar alternativos. Essa construção histórica marcou profundamente as instituições destinadas ao atendimento das crianças pequenas, e essa prática também deixou sua marca em nossa cultura e ainda existe hoje, como na desvalorização dos profissionais que atuam na educação infantil, especialmente em creches.

O atendimento às crianças de zero a 6 anos em instituições especializadas tem origem com as mudanças sociais e econômicas, causadas pelas revoluções industriais no mundo todo. Neste momento as mulheres deixaram seus lares por um período, onde eram cumpridoras de seus afazeres de criação dos filhos e os deveres domésticos, cuidando do marido e família, para entrarem no mercado de trabalho. Atrelado a este fato, sob pressão dos trabalhadores urbanos, que viam nas creches um direito, seus e de seus filhos, por melhores condições de vida, deu-se início ao atendimento da educação infantil (termo este referente ao atendimento de crianças de 0 a 6 anos) (RICHTER, 2007, p. 26).

Outro elemento importante na história do atendimento institucional à criança no final do século XIX foi o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Brasil, fundado no Rio de Janeiro em 1899, com o objetivo de atender aos interesses dos menores de 8 anos (oito) anos de idade. Entre outros objetivos, ele trabalhava na criação de maternidades, creches e jardins de infância.

No entanto, somente a partir da década de 1930 o setor público brasileiro passou a se envolver diretamente com a educação infantil, mas essa fase caracterizou-se pelo trabalho de assistência social à criança, cujo objetivo principal era o desenvolvimento nacional. Nesse período, as necessidades da sociedade

industrial urbana impulsionaram a expansão das instituições infantis de 0 (zero) anos para 6 (seis) anos (RICHTER, 2007).

Assim, crianças desfavorecidas que vivenciaram privação cultural por condições sociais teriam a oportunidade de serem compensadas de acordo com os critérios estabelecidos para a educação pré-escolar, ou seja, crianças carentes culturalmente careceriam de certos atributos, critérios atitudinais ou conteúdos que deveriam ser projetados nela durante a pré-escola, portanto, buscava-se a hegemonia, segundo Richter (2007).

Observa-se que nas últimas décadas, com a aceleração da urbanização, a participação das mulheres no mercado de trabalho e as mudanças na organização familiar, a escala da educação infantil no Brasil e no mundo continuou se expandindo. Por outro lado, “a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos” (na inclusão da Lei de nove (09) anos) (BRASIL, 1998, p. 11).

Além disso, de acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998), o percurso histórico da atenção à primeira infância envolve uma mudança no contexto social, e ao longo da história do atendimento pré-escolar houve uma distinção entre o cuidado à criança de acordo com classe social.

Assim, com base novamente no RCNEI (BRASIL, 1998), vale ressaltar que crianças de famílias abastadas necessitavam e demonstravam necessidade de ambientes estimulantes que promovessem seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Para as crianças pobres, no entanto, os cuidados eram mais cuidados para mantê-las e, diante dessa disparidade, os trabalhadores urbanos reivindicaram seus

direitos e de seus filhos a melhores condições de vida, ou seja, o auxílio à educação infantil.

De acordo com Brasil (1998), a combinação desses fatores deu origem a movimentos da sociedade civil e órgãos governamentais para:

O atendimento às crianças de zero a seis anos fosse reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento. Reafirmando essas mudanças, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9.394, promulgada em dezembro de 1996, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a educação. Aparecem, ao longo do texto, diversas referências específicas à educação infantil (BRASIL, 1998, p. 11).

Assim, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), considera-se educação infantil o período da vida escolar em que são educadas as crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos, e a Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996, que efetivamente estabelece o vínculo entre o cuidado e a educação das crianças de 0 (zero) a 6 (seis). Várias referências específicas à educação infantil são mencionadas na lei, bem como:

No título III - Do Direito à Educação e do Dever de Educar. Artigo 4º, Inciso IV, se afirma que: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”. Tanto as creches para as crianças de zero a três anos como as pré-escolas, para as de quatro a seis anos, são consideradas como instituições de educação infantil. A distinção entre ambas é feita apenas pelo critério de faixa etária (BRASIL, 1998, p. 11).

Assim, esse atendimento de crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos em instituições especializadas decorreu de mudanças econômicas e políticas na

estrutura social, mais especificamente o capitalismo estabelecido no início do século XX. Além disso, a educação infantil visava cuidar das crianças, cuidar de sua alimentação, de sua higiene básica e protegê-las dos perigos ambientais e das epidemias da época. No entanto, ela não se importava com a educação em si.

A LDB aborda outras questões importantes nesse nível de educação “infantil”, como aquelas relacionadas à formação dos profissionais, questões relacionadas à educação especial e avaliação.

No entanto, dada a grande distância entre o que diz a lei e a realidade da educação infantil, a LDB afirma no título IX - Das Disposições Transitórias, artigo 89, que: “As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino” (BRASIL, 1998, p. 11-12).

No Título IV, Artigo 11, parágrafo 5º, relativo à organização da educação nacional, dispõe-se que:

Os Municípios incumbir-se-ão de: [...] oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1998, p. 12).

No entanto, reafirma, no artigo 9º, IV, que: “A União incumbir-se-á de [...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil [...] que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum” (BRASIL, 1998, p. 12).

[...] a Escola Infantil é um espaço vivo e acolhedor, onde a criança encontra muitas aventuras, afeto, descobertas e ação. Nesse gostoso ambiente escolar, em confiante parceria com o universo

familiar, a criança encontra as condições propícias para o aprendizado e para a conquista de seu mundo próprio: - Espaço de aprendizagens significativas e de desenvolvimento de habilidades e competências; lugar de construção da identidade e autonomia, espaço de interação para a intercomunicação e as conquistas das linguagens. - Lugar de acesso aos saberes que dominam e produzem a nossa cultura, em constante transformação, como uma porta aberta para o mundo da pesquisa, investigação e muita criatividade. - Um mundo fantasioso, mediado pelo processo de construção do conhecimento, recheado de conquistas realizadas na busca de soluções para os desafios cotidianos, e é nesse Mundo Mágico que a criança descobre o prazer de estar com o outro, brincando, jogando, montando, aprendendo e fazendo novas descobertas (SILVA, 2001, p. 23).

Para Richter (2007), a educação infantil não é apenas uma fachada do ensino fundamental, nem é um papel de “atender” as crianças cujos pais trabalham. Sua função é mais importante e requer preparação e sensibilidade adequadas da equipe docente. Portanto, é necessária a intervenção direta dos educadores para que as crianças possam ampliar sua capacidade de adaptação a conceitos, normas sociais e linguagens diferentes por meio da expressão e troca de emoções e ideias em interação social ou sozinha, por meio de experimentar, refletir, formular perguntas e respostas. Para isso, os educadores devem compreender e considerar a singularidade das crianças de diferentes idades, bem como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc., das crianças com quem trabalham.

Nessa perspectiva, o professor é a pessoa entre a criança e o objeto de conhecimento, que organiza e ocupa o espaço e o ambiente de aprendizagem, combinando os recursos e habilidades emocionais, afetivas, sociais e cognitivas de cada criança (BRASIL, 1998). Para uma aprendizagem bem-sucedida, os professores devem considerar, ao organizar o trabalho educativo:

- a) A interação com a criança da mesma idade e de idade diferentes em situações diversas como fator de promoção da aprendizagem e do desenvolvimento e da capacidade de relacionar-se; b) Os

conhecimentos prévios de qualquer natureza, que as crianças já possuem de qualquer natureza; c) Individualidade e a diversidade; d) O grau de desafio que as atividades apresentam e o fato de que devam ser significativas e apresentadas de maneira integrada e o mais próximo possível das práticas sociais reais, para que possam manter a motivação para o aprender; e) A resolução de problemas como forma de aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 30).

Diante das citações acima, pode-se inferir que, segundo o RCNEI, a interação social em diferentes contextos é uma das estratégias mais importantes para os professores promoverem a aprendizagem das crianças.

Os estágios do desenvolvimento da criança aparecem em uma ordem necessária, esses estágios não podem ser interrompidos, pois um prepara o outro e são construídas sobre anteriores, as idades em que eles aparecem são relativas, o desenvolvimento de cada um depende da interação do sujeito com o seu meio (PIAGET, 1971 apud KAMII, 1991, p. 30).

Pode-se perceber que as fases de desenvolvimento das crianças são regulares, na infância, geralmente dominam o comportamento de explorar o ambiente, o mundo e o próprio corpo, esta é uma fase egocêntrica, os interesses giram em torno de seu pequeno mundo.

[...] para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta, ou seja, é preciso que haja um trabalho sistemático com jogos é necessário que os mesmos sejam escolhidos e trabalhados com o intuito de fazer o aluno ultrapassar a fase da mera tentativa e erro, ou de jogar pela diversão apenas. Por isso, é essencial a escolha de uma metodologia de trabalho que permita a exploração do potencial dos jogos no desenvolvimento de todas as habilidades (raciocínio lógico e intuitivo), o que pode ser feito por meio da metodologia de resolução de problemas (BRASIL, 1998, p. 27).

A escolha de métodos de trabalho que permitam a exploração dos jogos e das brincadeiras dependerá das dificuldades específicas de cada criança em que momento elas podem ser abordadas.

É a característica fundamental do ser humano. A criança, diferentemente do adulto, só deve brincar. Seu desenvolvimento depende do lúdico, ela precisa brincar para crescer, precisa do jogo como forma de equilíbrio com o mundo. Sua maneira de assimilar (transformar o meio para que este se adapte às suas necessidades) e de acomodar (mudar a si mesma para adaptar-se ao meio que ofereceu resistência) deverá ser sempre através do jogo. Portanto, a atividade escolar deverá ser uma forma de lazer para a criança. Considerar a aprendizagem uma tarefa sisuda não significa que fique mais séria, é, apenas, um preconceito existe em nossas escolas. A criança aprende melhor brincando, e todos os conteúdos podem ser ensinados através da brincadeira e jogos, em atividades predominantemente lúdicas. Não existe nada que a criança precise saber que não possa ser ensinado brincando. Se alguma coisa não é passível de transformar-se em um jogo (problema, desafio), certamente não será útil para a criança nesse momento (OLIVEIRA, 2001, p. 32-33).

Portanto, é compreensível que o brincar seja fonte de desenvolvimento, pois enquanto brinca, a criança sente, pensa e dá sentido às suas experiências na realidade. É por isso que as brincadeiras das crianças são vitais para a vida e o desenvolvimento delas.

Com as brincadeiras e jogos, estamos usando o esquema próprio de assimilação infantil. Isto quer dizer: em cada etapa de seu desenvolvimento, a criança tem esquemas específicos para assimilar o meio (abordagem da realidade). Entre os dois e os cinco anos, aproximadamente, a criança usa o esquema do jogo simbólico, relacionando-se com o mundo eminentemente através de fantasia, faz-de-conta. Entre os cinco, seis e onze e doze anos, a criança usa os esquemas operatórios do pensamento, as classes e ordens, e se relaciona com o mundo através dos jogos com regras, das leis, das coleções e das construções (OLIVEIRA, 2001, p. 34).

Diante das citações apresentadas pela autora, pode-se dizer que devem levar em consideração o nível de desenvolvimento de cada grupo e faixa etária das crianças, respeitando e proporcionando as mais diversas experiências associadas ao eixo de trabalho proposto, pois toda brincadeira leva lugar no tempo e no espaço, com ordem de jogo própria.

Atualmente, diversos autores têm trabalhado e publicado materiais para auxiliar os professores de educação infantil em seu trabalho, principalmente na seleção de jogos e brincadeiras, além de diversas atividades. A seguir, será exposto esse tema a partir das perspectivas de diversos autores, principalmente para demonstrar o impacto dos jogos e brincadeiras na educação infantil.

## CAPÍTULO 2 – OS JOGOS E BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA

Os jogos e brincadeiras podem ser de grande auxílio para o desenvolvimento infantil, partindo do pressuposto de que a criança é “um ser social e que a procriação do conhecimento se dá desde que ela nasce, isto é, o seu desenvolvimento se dá num espaço e tempo compartilhado com outras pessoas, sendo a sua atividade mais completa o brincar” (SANTOS; CRUZ, 2000, p. 7).

Segundo Santos; Cruz (2000), a infância consiste em uma série de etapas. Todos estão se preparando para a próxima, e os limites entre uma e outra não são claros nem precisos na idade física; operam de forma global e indivisível. Para ajudar no desenvolvimento das crianças, as pessoas procuram compreender a sua natureza e, nesta exploração, o brincar é considerado como uma necessidade básica que emerge muito cedo nas crianças.

É por meio da brincadeira que as crianças têm a oportunidade de desenvolver canais de comunicação e abrir o diálogo com o mundo adulto, onde: “restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros” (KISHIMOTO, 2000, p. 69).

Dessa forma, pode-se dizer que o principal nas atividades infantis são os jogos e brincadeiras, e esses jogos são responsáveis por estimular o desenvolvimento da inteligência infantil, coordenação motora e outros aspectos importantes, promovendo assim o desenvolvimento integral da criança. A verdade é que ela joga de forma diferente dos maiores porque não apenas se diverte, mas recria e interpreta o mundo em que vive, explora sua imaginação, resolve a maioria de seus conflitos e expressa seu jeito de reprodução da realidade.

A partir dos cinco anos, a maioria das crianças aprende a distinguir entre situações, certo e errado, o que é bom e o que é ruim, e assim por diante. Até o quinto ano de vida, a criança tenta resolver um problema pela primeira solução, seja ela qual for; certa ou não, racional ou não (PIAGET, 1971 apud KAMII, 1991). Ou seja, as crianças não apenas agem, mas também refletem sobre suas ações, mas ainda aguardam o estágio operatório concreto dos 5 (cinco) aos 12 (doze), momento em que pensam logicamente (ANTUNES, 2005).

Nesse sentido, jogos e brincadeiras são extremamente necessários como fonte da saúde física e mental das pessoas. Brincar permite que os adultos usem sua imaginação e sejam os criadores de seus desejos e sonhos. Assim, as crianças se expressam por meio de imagens e as utilizam como referências (BROUGERE, 2003).

A partir de 1974, o Conselho Federal de Educação passou a discutir a educação infantil por meio do brincar e do jogar, e com a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Lei n. 9394/96 ganhou mais espaço no Brasil, a qual passou a dar mais atenção às crianças menores de seis anos. Assim, de acordo com as leis pertinentes, a educação infantil passa a ser a primeira etapa da educação básica, cuja finalidade principal é o desenvolvimento global físico, mental, intelectual e social das crianças menores de seis anos (BRASIL, 2012).

Portanto, a educação infantil é de responsabilidade do município conforme descrito abaixo:

Artigo 11. Os municípios incumbir-se-ão de: I. Organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados; II. Exercer ação redistributiva em relação às suas escolas; III. Baixar normas complementares para o seu sistema de ensino; IV. Autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino; V. Oferecer à educação

infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental permitido a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino; VI. Assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal. Parágrafo único. Os municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de educação básica (BRASIL, 2012, p. 15).

Dessa forma, a etapa de educação infantil é o primeiro passo para o bom desenvolvimento das crianças, pois por meio de um ambiente físico e social construtivo, os alunos irão adquirir as habilidades propostas na primeira infância. Além disso, as crianças obtêm melhores condições de aprendizagem através do brincar e daquelas situações de ensino consciente ou aprendizagem dirigida pelo professor.

Essas aprendizagens ocorrem de forma integrada durante o desenvolvimento infantil (BRASIL, 1998). A educação nada mais é do que fazer com que a criança não apenas aprenda, mas seja cuidada e desenvolvida de forma integrada por meio de brincadeiras, jogos e brinquedos, cuja combinação contribui para o desenvolvimento interpessoal e sociocultural da criança, seu respeito e confiança. Ampliando assim o seu caminho e encontrando soluções para a vida cotidiana.

A educação contribui para o desenvolvimento de habilidades intelectuais, potencialidades físicas, emocionais, afetivas, estéticas e éticas para o desenvolvimento de crianças mais felizes e saudáveis, acesso à educação de qualidade e preparação para a vida social.

Poucas escolas investem na aprendizagem por meio do brincar, ou seja, ainda se baseiam na educação tradicional em que as atividades lúdicas eram vistas apenas como momentos de descanso, recreação ou entretenimento para as crianças. Não há valor consistente com os jogos e brincadeiras que perpetuam o desenvolvimento

e a aprendizagem de uma criança. O primeiro passo para alcançar isso é que as escolas percebam que jogos e brincadeiras devem ser usados de forma pedagógica.

Em muitas instituições de ensino, a brincadeira é vista como uma recompensa para as crianças que realizam atividades mais rápido ou são mais disciplinadas na escola, e aquelas que tem dificuldades com as atividades escolares não acabam tendo a brincadeira, como uma forma de castigo. Há quem defenda esse método porque torna a criança responsável e se esforça para poder brincar, enquanto aqueles que se opõem criticam o método como forma de negociar ou recompensar a criança por algo que é sua responsabilidade e obrigação.

[...] ainda hoje, a atividade lúdica é considerada pela escola como proposta carregada pelo adjetivo ‘educativo’, que perdem as possibilidades de realização do brinquedo, da alegria, da espontaneidade, da festa. Há uma sisudez de realismo, algo parecido com ‘passeios educativos’ que se faz por obrigação. A vivência do lúdico leva ao entendimento da gratuidade da alegria, da não relação entre o prazer e o atual ordenamento institucional, que procura entorpecer o corpo, pela organização, disciplina e rotina, gerando a incapacidade dos sentidos (MARCELLINO, 2003, p. 101).

Como resultado, a maioria das brincadeiras escolares não tem a experiência que merecem. Se uma criança não experimentou jogos em casa e na escola, seu “mundo privado” não terá suas fantasias, seu carisma, suas expectativas de sonho, sua crença na magia. Só há vazio no coração da criança, preto e branco, nenhuma alegria, como se pulasse uma etapa da vida. As brincadeiras de rua vistas no passado, como pega-pega, alerta, esconde-esconde, cobra cega, amarelinha, polícia e ladrão, salada de frutas, autorama, jogo de botão, peteca, bicicleta, patinete, bola, devido a violência e trânsito extremo, estão quase extintos hoje.

**Figura 3: Amarelinha**



Fonte: <https://www.google.com>

Todos esses jogos de rua tornam as crianças felizes e livres, mas brincar significa mais do que isso apenas: é importante no sentido de que permite que as crianças aprendam sobre o mundo, entendam os conflitos da vida e abram novos mundos. Por isso, todos que são pais e educadores devem aderir ao direito da criança de brincar porque o tamanho dos benefícios é tão grande que a Constituição Federal legaliza.

O artigo 227, do Capítulo 7.º, do Título VIII da referida Lei dispõe que as crianças têm o direito de brincar:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Quando o artigo acima descreve “ao lazer”, significa que as crianças brincam de forma puramente espontânea por meio de jogos, brincadeiras e brinquedos enquanto se envolvem em atividades recreativas.

Além da Constituição Federal de 1988, o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 dispõe:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

É também o artigo 16, parágrafo IV da referida Lei: “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990).

Percebe-se que tanto a atual constituição quanto o ECA garantem o direito da criança de brincar perante o Estado, a família e a sociedade.

Outro aspecto que vale a pena comentar é que o desenvolvimento da civilização promove a escassez de espaço físico, criando barreiras ao comportamento de jogo. O urbanismo esquece praças e jardins, as casas perdem seus quintais e se transformam em apartamentos apertados, praças e ruas existentes tornam-se violentas e as crianças têm pouco espaço físico para brincar. As mães que cuidavam dos filhos se concentram no mercado de trabalho. Tudo ao seu redor deixa de contribuir para o exercício do direito das crianças ao mero brincar (FRANCO, 2008).

Quanto aos brinquedos educativos, educação e lúdico andam de mãos dadas, pois o brinquedo se torna algo sério, ou seja, não serve apenas para dar folga, mas para educar as crianças e fazê-las aprender. É nesse momento que os brinquedos educativos deixam claro que brincar não é inútil, pelo contrário, atividades lúdicas são muito interessantes para o desenvolvimento da criança.

**Figura 4:** Crianças, tocando, em, escola, pátio recreio



Fonte: <https://www.google.com>

O brinquedo é um suporte de aprendizagem, confrontando o significado cultural através da imaginação da criança e das estruturas de aprendizagem (BROUGERE, 2003).

Por meio da brincadeira, as crianças desempenham papéis, expressam ideias, sonhos, fantasias, frustrações, medos e, ao final da brincadeira, criam soluções que expressam seus desejos. Brincar com outras crianças ajuda a compreender certos princípios de vida como cooperação, divisão, liderança, seguir regras e competição (BROUGERE, 2003).

Jogar e brincar são “úteis no crescimento da personalidade infantil, porque se abordam situações problemáticas e elaboram estratégias de ações frente a elas” (MURCIA, 2005, p. 47).

A introdução dos jogos na educação teve início no século XVIII, relatando a importância dos jogos como ferramentas de treinamento e facilitadores da aprendizagem, notadamente:

Além de exercitar o corpo, os sentidos e as aptidões, os jogos também preparam para a vida em comum e para as relações sociais. Dessa forma, os jogos e brincadeiras utilizadas, no espaço escolar, auxiliam no desenvolvimento das capacidades infantis, permitindo que a criança construa representações de mundo, já que o jogo, nas mãos do educador, é um excelente meio de formar a criança, afirmam as autoras. Entretanto, ainda existe uma certa distorção em relação à natureza do lúdico, na busca pela sua definição, percebe-se que o jogo, brinquedo e brincadeira apresentam significados distintos. As atividades lúdicas são caracterizadas pela iniciativa, intenção e curiosidade do aluno, pois, os jogos podem ser utilizados para introduzir conteúdos ou formar conceitos, todavia, devem ser escolhidos e preparados com cuidado, levando a criança a adquirir conceitos significativos (ALMEIDA, 2000, p. 31).

Vygotsky (1982) apud Kishimoto (2000, p. 35) dizia que por meio da brincadeira as crianças aprendem a “agir numa esfera cognitivista, sendo livre para determinar suas próprias ações”. Segundo o autor, o brinquedo “estimula a curiosidade e a autoconfiança, proporcionando desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção”.

Os brinquedos devem ter uma estrutura simples, mas serem ao mesmo tempo chamativos, que levem as crianças a imaginar, fantasiar e se desafiar diante deles, como os brinquedos feitos de sucata.

[...] o ato de brincar é muito importante para a criança, e se tornou um direito garantido na Declaração Universal dos Direitos da Criança, onde deixa claro que toda criança terá direito a boa alimentação, recreação e assistência médica adequada. Estabeleceu-se forma igualitária que a recreação é tão importante quanto à alimentação e a saúde para o desenvolvimento da criança. Compreende-se que o brincar tem grande contribuição no processo de desenvolvimento da criança (BRASIL, 1998, p. 29).

O brincar dá à criança a liberdade de interagir com os outros, de “olhar” o ambiente à sua maneira e de se colocar nele, tal como os objetos e o seu próprio corpo. As atividades lúdicas direcionadas ao brincar resultam em uma educação

diferenciada e inovadora que vê o lúdico como algo que inspira e facilita o aprendizado cognitivo, emocional e psicomotor da criança, tornando-a uma presença crítica, pensante, cheia de emoções e sentimentos, além de socializar com o ambiente em que vivem. “O brincar permite que o aluno tenha mais liberdade de pensar, expressar e de criar para desenvolver-se plenamente no futuro” (ANTUNES, 2005, p. 43).

O brincar é uma proposta criativa e divertida de natureza física ou mental que permite aos alunos criar, imaginar, fingir e servir de laboratório que facilita a aprendizagem. Como se vê, o brincar é uma combinação de fatores, mas é importante notar que esse comportamento leva a criança a ser livre, disposta, interessada e criando autonomia, o que será discutido mais adiante. “Por isso, deve ser garantido já que é sua realidade bem como um elemento indispensável para que ela se desenvolva de forma plena e saudável” (Antunes, 2005, p. 43). Por meio da brincadeira, a criança mostra a liberdade de ser verdadeiramente criança e é reconhecida como um direito, pois só ela pode praticá-la com o apoio, respeito e incentivo dos adultos. Portanto, “garantir e efetivar o direito de brincar é motivar o bem-estar da criança e enriquecer sua individualidade como pessoa e cidadã” (ANTUNES, 2005, p. 43).

Socialmente, o direito da criança ao brincar é reconhecido e, além de ser perpetuado pela legislação nacional e internacional, estudiosos e educadores não tradicionais têm enfatizado, mas sua efetiva valorização ainda depende muito da boa vontade na efetivação dos direitos da criança. A criança é vista como um ser em desenvolvimento.

## **2.1 A importância dos jogos, do brincar e da brincadeira como recurso de aprendizagem**

Segundo Almeida (2000, p. 36), prazer e alegria nunca se separam:

O “brincar” é incontestavelmente uma fonte inesgotável desses dois elementos. O jogo, o brinquedo e a brincadeira sempre estiveram presentes na vida do homem, dos mais remotos tempos até os dias de hoje, nas mais variadas manifestações (bélicas, filosóficas, educacionais). O jogo pressupõe uma regra, o brinquedo é o objeto manipulável e a brincadeira, nada mais é que o ato de brincar com o brinquedo ou mesmo com o jogo. Jogar também é brincar com o jogo. O jogo pode existir por meio do brinquedo, se os brincantes lhe impuserem regras. Percebe-se, pois, que jogo, brinquedo e brincadeira têm conceitos distintos, todavia estão imbricados; e o lúdico abarca todos eles.

Nesse sentido, pode-se dizer que o brincar é um recurso admirável para a educação infantil, pois por meio do brincar, os fatores emocionais, sociais, sensório-motores e cognitivos envolvidos no desenvolvimento infantil entram em jogo em escala global. Além disso, uma das principais funções do educador é garantir que a aprendizagem seja uma conquista agradável, e uma ferramenta integral para alcançar isso é o uso de jogos em sala de aula.

A competição nos jogos é parte de um desenvolvimento maior, que vai do egocentrismo a uma habilidade cada vez maior em descentrar e coordenar pontos de vista. Este processo de desenvolvimento pode ser visto não somente nos jogos, mas também no julgamento moral, na linguagem, na classificação, na conservação, na construção de uma estrutura espaço-temporal e na causalidade. A melhor maneira de lidar com a competição nos jogos em grupo é desenvolver desde o início uma atitude saudável e natural em relação à vitória ou à derrota, ao invés de evitar os jogos competitivos até que as crianças se tornem “prontas” para eles, de alguma maneira misteriosa (PIAGET apud OLIVEIRA, 2001, p. 114).

Assim, jogo e competição estão ligados, mas dentro dos limites da competição, ou seja, dentro do respeito e dignidade.

[...] o professor não dando tanta importância somente ao ganhador e encarando a competição de forma natural, minimiza o caráter competitivo, embora isso não impeça que as crianças se empenhem ao máximo em ganhar o jogo, já que é esse o seu objetivo. Ao

jogar, as emoções vão se equilibrando, transformando a derrota em algo provisório e a vitória em algo a ser partilhado (SILVA; KODAMA, 2004, p. 6).

De acordo com Lopes (2000, p. 23), “é muito mais fácil e eficiente aprender por meio de jogos, e isso é válido para todas as idades, desde o maternal até a fase adulta”. Em qualquer idade, o conteúdo dos jogos deve ser adequado para as crianças, o que significa que os professores devem usar sua criatividade para que possam ajudar nas áreas motora, cognitiva e emocional, para que as crianças tenham um conhecimento global, interligado, suprimindo as necessidades dos alunos e torná-los sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

“O jogo para a criança é o exercício, é a preparação para a vida adulta. A criança aprende brincando, é o exercício que faz desenvolver suas potencialidades” (LOPES, 2000, p. 35).

Quanto à brincadeira, “esta é para a criança, uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com uma atividade real” (MOYLES, 2002, p. 56). Para brincar, a criança deve dominar a linguagem dos signos, ou seja, o jogo se efetiva no plano imaginário, que significa que a criança precisa ser conscientizada da diferença entre o jogo e a realidade imediata, para deixar a imaginação acontecer.

Segundo Moyles (2002, p. 56), “a brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade, ou seja, toda brincadeira é uma transformada imitação, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada”. Quando uma criança pega um lápis e imita um avião no ar, localiza seus movimentos não apenas pela percepção direta de objetos e situações, mas também pelo significado e atitude mental dos movimentos.

[...] a importância da brincadeira está no papel que as crianças assumem enquanto brincam, pois, ao brincar, adotam papéis e agem diante da realidade, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações cotidianas pelas ações e características do

papel assumido, utilizando-se de outros substitutos (MOYLES, 2002, p. 56).

Brincar é bom para a autoestima da criança porque a ajuda a dominar o que adquiriu de uma forma prazerosa. Também auxilia na internalização de certos modelos adultos, facilitando sua adaptação social.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil:

[...] durante as brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuem em conceitos gerais com os quais brincam. Assim, para assumir determinado papel numa brincadeira, a criança tem que conhecer algumas de suas características (BRASIL, 1998, p. 26).

A experiência é viva e pode se tornar realidade em casa ou não por meio de conversas com colegas ou mesmo adultos, filmes assistidos na TV, histórias em livros etc. “A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda fragmentados” (BRASIL, 1998 p. 27).

As brincadeiras de faz-de-conta são uma das formas mais básicas de brincar para o desenvolvimento saudável das crianças.:

[...] as crianças reproduzem cenas familiares e eventos que chamam sua atenção como festas de aniversários e cerimônias de casamento e dramatizam experiências vivenciadas no cotidiano (ida ao médico, compras no supermercado). A TV, o cinema, o teatro, as histórias de livros e revistas em quadrinhos também são estímulos para a criação de cenas (CRAINY, 2001, p. 96).

É no ato de brincar que as crianças fazem diversas conexões entre as peculiaridades dos personagens aceitos, seus conhecimentos e interações com outros personagens, percebendo isso e generalizando para outras situações.

Ele pode e resolve problemas extremamente importantes por causa das oportunidades que a brincadeira imaginativa oferece à criança a oportunidade de agir, criar, recriar e experimentar. Assim, por meio da brincadeira, a criança cria seu próprio espaço e “coloca” nesse espaço o que considera mais importante.

[...] há várias modalidades de brincadeiras, como brincar de faz de conta, ou com papéis, é considerado como atividade fundamental da qual se originam todas as outras; brincar com materiais de construção; brincar de regras, em que todas propiciam ampliação dos conhecimentos infantis por meio de atividade lúdica (CRAIDY, 2001, p. 97).

Em uma instituição infantil, o papel do educador é ajudar a estruturar o espaço lúdico na vida da criança, fornecer alguns brinquedos ou uma variedade de jogos, delinear e organizar o espaço e o tempo.

A brincadeira “é atividade objetiva que constitui a base da percepção que a criança tem do mundo e dos objetos humanos, motivo pelo qual ela própria é quem determina o conteúdo das brincadeiras” (LEONTIEV, 1998, p. 120).

Os jogos também fornecem aos educadores uma visão do processo de desenvolvimento de uma criança ou grupo, observando e registrando suas habilidades de linguagem, habilidades sociais e recursos emocionais e afetivos.

O Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil revela que:

Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, propiciando às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar, ou os jogos de regras e de construção, e assim, elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (BRASIL, 1998, p. 28).

Brincar é uma coisa flexível que permite que as crianças escolham e interpretem livremente. As brincadeiras são muito importantes para o desenvolvimento humano, mesmo em competições, brigas, ajuda a crescer e aprender.

A importância do brincar na aprendizagem contribui efetivamente para o desenvolvimento da criatividade das crianças, os educadores podem intervir na criatividade das crianças, mas respeitando o desenvolvimento do brincar, os

educadores poderão desenvolver novas habilidades na aprendizagem das crianças. A utilização dos jogos como recurso didático permite que as crianças se adaptem à realidade e lhe deem sentido. Assim, alunos com dificuldades de aprendizagem podem utilizar os jogos como recurso para promover a compreensão do conteúdo e quebrar estereótipos sobre um assunto ou outro (FARIA; SALLES, 2007).

Melo (2001, p. 78) comenta que “ao brincar a criança tem oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como: atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras”.

## 2.2 O jogar e as brincadeiras na educação infantil e o papel do professor

Os professores do jardim de infância que trabalham com jogos e brincadeiras devem proporcionar às crianças o ambiente certo desde o início para que elas possam utilizar bem o lúdico e se sentirem confortáveis.

**Figura 5:** Professor e criança brincando juntos



Fonte: <https://www.google.com>

Como revela Kishimoto (1999, p. 25), “a criação de espaços e tempos para os jogos é uma das tarefas mais importantes para os educadores, principalmente na escola de Educação Infantil”. Os professores devem preparar os espaços de forma a poderem brincar livremente com diferentes formas de lúdico, para que, por exemplo, as crianças que estão a jogar jogos mais lentos não sejam perturbadas por crianças que estão a fazer atividades que exigem mais mobilidade, expansão do ritmo e do movimento.

O professor deve estar atento à idade e às necessidades do aluno para que ele possa selecionar e fornecer materiais adequados. Você tem que ter a quantidade ideal de jogos e brincadeiras para fazer um bom trabalho, como uma variedade de materiais de produção, para poder usar sucata, para reciclar materiais. “É importante que o professor respeite e propicie elementos que favoreçam a criatividade das crianças. A sucata é um material que traz consigo vários destes requisitos” (KISHIMOTO, 1999, p. 25).

As crianças adoram e adoram repetir jogos e brincadeiras, especialmente aqueles com os quais estão familiarizados e são coloridos, barulhentos, divertidos, de ação e diversão. É que com isso, as crianças, “sentem-se seguras quando percebem que contam cada vez com mais habilidades em responder, ou executar o que é esperado pelos outros; sentem-se seguras e animadas com a nova aprendizagem” (KISHIMOTO, 1999, p. 26).

A atuação e participação dos educadores enriquece as atividades propostas, traz inovações sobre novos papéis ou situações, torna o jogo ou brincadeira mais enriquecedor, é muito prazeroso para as crianças e aumenta suas oportunidades de aprendizagem. Os educadores, de acordo com Kishimoto (1999, p. 26), devem “valorizar as atividades das crianças, interessando-se por elas, animando-as pelo

esforço, evitando a competição, pois em jogos não competitivos não existem ganhadores ou perdedores”.

Outra maneira pela qual os professores podem estimular a imaginação das crianças é agindo como modelos, brincando junto ou contando histórias sobre como eles brincavam quando tinham sua idade. Em alguns casos, os professores não consideram o fator gravidade e importância das atividades desenvolvidas por meio do brincar e do jogar, referentes ao desenvolvimento e aprendizagem da criança. Preenchem seu tempo com outras tarefas e não observam os efeitos do brincar e do jogar nas crianças, podem fazer algo pelo seu próprio desenvolvimento ao invés de acompanhar sua evolução, suas novas aquisições, sua relação com outras crianças e a relação humana dos adultos. “Para tanto, podem elaborar uma planilha, um guia de observação que facilite o trabalho” (KISHIMOTO, 1999, p. 26)

As crianças pequenas estão no estágio da descoberta completa e, na prática de brincar e jogar, haverá muito conflito e confusão entre elas. Dessa maneira, Kishimoto (1999, p. 27) destaca que, “os professores devem conseguir que as crianças procurem resolver esses conflitos, ensinando-lhes a chegar a acordos, negociar e compartilhar”.

Através da brincadeira, as crianças aprendem a expressar seus interesses, preferências e necessidades de forma mais rápida e eficaz. A missão do professor é fornecer à criança todas as oportunidades e materiais possíveis para enriquecer e diversificar as brincadeiras, oferecendo opções de brincadeiras individuais ou coletivas.

[...] os brinquedos aparecem no imaginário dos professores de educação infantil como objetos culturais portadores de valores considerados inadequados. Por exemplo, bonecas Barbies devem ser evitadas por carregar valores americanos. Bonequinhos guerreiros, tanques, armamentos e outros brinquedos, com formas bélicas, recebem o mesmo tratamento por estarem associados à

reprodução da violência. Brincadeiras de casinhas com bonecas devem restringir-se ao público feminino. Brincadeiras motoras, com carrinhos e objetos móveis, pertencem mais ao domínio masculino. Crianças pobres podem receber qualquer tipo de brinquedo, porque não dispõem de nada. A pobreza justifica o brincar desprovido de materiais e a brincadeira supervisionada. Escolas representadas por diversas etnias começam a introduzir festas folclóricas, com danças, comidas típicas, como se a multiculturalidade pudesse ser resumida e compreendida como algo turístico, pelo seu lado exótico, apenas por festas e exposições de objetos típicos, não contemplando os elementos que caracterizam a identidade de cada povo. Enfim, são tais atitudes que demonstram preconceções relacionadas à classe social, ao gênero e à etnia, e tentam justificar propostas relacionadas às brincadeiras introduzidas em nossas instituições de Educação Infantil (KISHIMOTO, 1999, p. 32).

Mais importante ainda, os professores devem respeitar as preferências de cada criança. Ao realizar a atividade, é necessário que o professor/docente desenvolva uma forma de chamar a atenção dos alunos, posicionar-se onde todos possam vê-lo e ouvi-lo claramente, não se cansar da atividade, e proporcionar a alunos com um certo “água na boca” ao iniciar o jogo e deixar a sensação de “quero mais” no final do jogo, nunca forçar o aluno a fazer uma atividade que ele não quer, e não tem vontade de continuar fazendo. É necessário verificar porque o aluno não quer fazer a atividade e desenvolver essas mesmas habilidades de uma forma diferente para que o aluno possa ver tal atividade de forma prazerosa e interessante (KISHIMOTO, 1999).

Segundo Machado (2007), ao lidar com as sucatas de brinquedos, além de abordar a arte-educação, percebe-se também a capacidade da criança de montar, fazer e transformar ideias. Para melhor realizar as atividades e aprimorar as habilidades de observação, é interessante que o professor brinque e interaja de forma criativa, e seu trabalho também terá outra dimensão. A sucata para crianças

acaba sendo um esporte divertido, para quem a sucata é “nada” e pode vir a se tornar “tudo”.

### — CAPÍTULO 3 – RECICLAGEM - JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O mundo é cercado por itens vitais dos seres vivos, produzidos a partir de matérias-primas extraídas do solo. Quando perdem a função, tornam-se lixo.

Todos os tipos de resíduos sólidos resultantes das diversas atividades humanas ou ao material considerado imprestável ou irrecuperável pelo usuário seja papel, papelão, restos de alimentos, vidros, embalagens plásticas. O lixo contribui direta ou indiretamente para a poluição ambiental em todo o planeta (CARVALHO; OLIVEIRA, 2003, p. 89).

O lixo contribui direta ou indiretamente para a degradação ambiental através de: resíduos domésticos; resíduos comerciais e públicos; resíduos industriais; resíduos contaminados e resíduos radioativos.

Independentemente da forma, a quantidade de lixo nas grandes cidades aumenta a cada dia, causando sérios problemas ambientais e ameaças à saúde das pessoas.

[...] o Brasil produz 241.614 toneladas de lixo por dia, 76% são depositados a céu aberto em lixões; 13% são depositados em aterros controlados, 10% em usinas e 0,1% são incinerados; sendo que 53% são de resto de comida. Cada brasileiro gera diariamente, 500 gr de lixo, podendo chegar a 1 kg dependendo do poder aquisitivo e do lugar de moradia (VIEIRA, 2012, p. 2).

Geralmente, pequenas cidades e propriedades rurais têm lixo jogado em terrenos baldios. Quando isso acontece, sem controle ou processamento, cria um lixão. Além dos odores desagradáveis, os lixões atraem animais transmissores de doenças, como baratas, moscas, urubus e ratos.

**Figura 6:** O lixão de cuiabá e a geração de impactos socioambientais



Fonte: <https://www.google.com>

Outro problema com os lixões é o chamado chorume, “líquido produzido pela decomposição da matéria orgânica que penetra no solo e atinge os lençóis de água subterrâneos, contaminando-os” (BRANCO, 2001, p. 45).

Para evitar esses problemas, em muitos centros urbanos, os resíduos são enterrados em aterros, queimados em incineradores ou transformados em adubo em usinas de compostagem.

Na usina de compostagem, o lixo que chega quase sempre é o lixo doméstico, que é “decapado” manualmente por meio de esteiras para separar materiais recicláveis como latas, papel, plástico, vidro, papelão, e depois encaminhado para a reciclagem, a indústria de reciclagem também retira o que usa, enviando o restante para aterros sanitários (VIEIRA, 2012).

[...] as soluções encontradas pelo ser humano para o acondicionamento, coleta, transporte e destino final do lixo apresentam vários inconvenientes e requerem aprimoramento. Da mesma forma que o esgoto, a remoção e o destino final do lixo produzido em zonas de baixa densidade populacional podem ser solucionados individualmente. Nos grandes centros urbanos,

porém, é imprescindível a existência de um sistema público eficiente que colete, transporte e dê um destino final aos resíduos sólidos (OLIVEIRA; CARVALHO, 2003, p. 90).

Portanto, a solução ecologicamente mais viável para reduzir a quantidade de resíduos que poluem o meio ambiente é reciclá-los.

Segundo Reinsfeld (1994, apud MATTOS, 2011, p. 22) reciclagem é “um processo de transformação de materiais usados em novos, sendo empregada na recuperação de uma parte do lixo sólido produzido”.

A reciclagem é o resultado de uma série de atividades pelas quais os materiais que se tornariam lixo ou que estão no lixo sejam desviados, coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de novos produtos. Pode ser considerada também como um processo de separação e transformação do lixo para sua posterior reutilização (OLIVEIRA; CARVALHO, 2003, p. 92).

Portanto, a reciclagem inclui a transformação de um material em outro produto, semelhante ou diferente do produto original.

Restos de alimentos, embalagens de alimentos, papel, latas e garrafas são alguns dos resíduos mais comuns em nossas casas. Eles podem ser classificados como orgânicos, ou seja, resíduos de alimentos, e recicláveis ou reutilizáveis, como latas, papel, plástico.

A triagem e a reciclagem do lixo são procedimentos fundamentais para reduzir o desperdício e evitar a criação de moscas, baratas e ratos, além da poluição do solo, do ar e da água.

Na coleta seletiva, os materiais que podem ser reciclados ou reaproveitados, como papel, vidro, plástico e metal, são separados; o restante dos resíduos, ou seja, os resíduos orgânicos, é encaminhado para aterros ou usinas de compostagem (BRANCO, 2001). O procedimento reduz a quantidade de resíduos enviados para

aterros e permite a produção de adubos orgânicos para adubação do solo das plantações.

[...] a coleta seletiva consiste na separação dos materiais já na fonte produtora para que possam ser posteriormente reciclados. Para que se torne uma realidade, porém, é necessário informar e orientar a população a acondicionar separadamente os diferentes tipos de materiais e que os órgãos responsáveis pela coleta a realizem de modo seletivo, encaminhando os resíduos a um centro de triagem (OLIVEIRA; CARVALHO, 2003, p. 96).

Quando se trata de reciclagem, há muitas vantagens, incluindo:

Economia de matérias-primas virgens; - economia de energia no processo de produção dos reciclados; - redução do volume de lixo de difícil degradação no solo, poupando os aterros sanitários, que são escassos e problemáticos, além de facilitar a compostagem do lixo orgânico (OLIVEIRA; CARVALHO, 2003, p. 96).

O governo lançou muitas campanhas para conscientizar as pessoas sobre o problema do lixo nas grandes cidades. Cidades como São Paulo estão tendo dificuldades para montar locais adequados para lixões e, quando chove, o lixo pode entupir calhas nas ruas, causando caos em massa e doenças na população.

No que se refere à legislação, pode-se mencionar que, de acordo com o artigo 23, inciso VI, da Constituição Federal (CF), existem regulamentações estaduais para determinar a destinação de determinados produtos, principalmente agrotóxicos, pneus, pilhas e baterias. Pela Lei nº. 9.974/00, obriga os usuários de agrotóxicos a devolverem as embalagens vazias dos produtos (MATTOS, 2006).

A Resolução n. 258 de 26 de agosto de 1999, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), dispõe que:

As empresas fabricantes e importadoras de pneumáticos ficam obrigadas a coletar e dar destinação final, ambientalmente adequada, aos pneus inservíveis existentes no território nacional, na proporção definida nesta Resolução relativamente às quantidades fabricadas e/ou importadas (MATTOS, 2006, p. 43).

Para facilitar o processo de reciclagem no Brasil, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) foi instituído por meio da Resolução n. 275, de 25 de abril de 2001, com base nas normas adotadas internacionalmente, códigos de cores para diferentes tipos de resíduos, a serem aceitos por catadores e transportadores, bem como em campanhas de conscientização sobre coleta seletiva.

De acordo com essa classificação, foram definidas as seguintes cores: azul: papel/cartão; vermelho: plástico; verde: vidro; amarelo: metal; preto: madeira; laranja: resíduos perigosos; branco: resíduos ambulatoriais e de serviços médicos; roxo: resíduos radioativos; marrom: lixo orgânico; cinza: lixo geralmente não reciclável ou misto, ou lixo poluído que não pode ser separado. Também destaca a importância dos 3 Rs, a saber, redução, reutilização e reciclagem (BRASIL, 2001).

Na escola, os educadores mostraram e explicaram como os resíduos eram separados por cor de acordo com cada lixeira específica para os alunos separarem em casa. Alguns materiais recicláveis: jornais e revistas, envelopes, cartazes, latas de óleo, sucatas em geral, copos, garrafas, bisnagas, sacolas em geral (OLIVEIRA; CARVALHO, 2003).

A educação ambiental é considerada um processo contínuo que deve ocorrer ao longo da vida do indivíduo, centrado na resolução de problemas, realizado por meio de instituições formais e não formais de educação, e fomentando a integração da educação comunitária.

Portanto, é muito importante que as crianças da educação infantil aprendam a ver como a educação ambiental está na prática, para que no futuro possam se tornar adultos ambientalmente conscientes e até mesmo respeitosos com os outros. Sim, pois é nessa fase que a criança absorve todas as experiências, transformando-as em atitudes ao longo de sua vida.

No entanto, esse esforço de reciclagem tem sido muito difícil porque nem todos estão envolvidos e nem todos estão cientes de que o meio ambiente está sendo degradado com tanto lixo.

A combinação da educação infantil com a educação ambiental é muito necessária para criar respeito pela natureza, admiração pela natureza e, o mais importante, ver-se como parte da natureza e conscientizar as crianças sobre os malefícios do lixo ao meio ambiente. onde vivem e para o meio ambiente, mostra que reciclar é uma boa solução.

Dessa forma, este capítulo discutirá como os educadores da primeira infância podem colaborar na reciclagem, através de jogos e brincadeiras para as crianças para demonstrar a importância da reciclagem para o meio ambiente, ao mesmo tempo em que torna o brincar propício para um melhor processo de ensino.

A reciclagem é muito importante para as crianças pequenas, principalmente quando se trata de brincar, que, como mencionado anteriormente, traz grandes benefícios para seu desenvolvimento e aprendizado.

### **3.1 A reciclagem no processo educacional**

Sendo a escola uma instituição que existe na vida das crianças desde a mais tenra idade, ela carrega muito peso através do trabalho lixoso do educador, que deve ter a disposição de falar, ouvir, dialogar, penetrar e, assim, tendo todo o conhecimento adquirido, procurar aprofundar esta situação que ameaça o meio em que estamos inseridos e refletir sobre ela juntos (escola/comunidade) de forma a contribuir para uma solução.

Talamoni (2003, p. 89) revela que “a Educação Ambiental é um processo coletivo, que busca principalmente o diálogo como forma de se chegar a um

objetivo desejado, com alternativas socioambientais que favoreçam a grande maioria e que integre o ser humano no seu meio”.

A criança deve estar plenamente consciente de que o significado de sua vida não é diferente do significado da própria terra. Portanto, deve se concentrar na proteção do meio ambiente, especialmente porque o ser humano o vê como uma questão de qualidade de vida e sobrevivência futura.

Saúde do homem, desigualdade social crescente, escassez de alimentos e água potável, aliada à poluição do ar, climas secos, horizontes sem graça, lixo nas ruas das grandes cidades e lixões imundos nas cidades pequenas; tudo proporcionados pelas malícias no comportamento do próprio ser humano ou de alguma empresa que busca apenas o lucro.

A educação ambiental é de extrema importância para as crianças na educação infantil, pois através do professor, toda a degradação ambiental ocorrida deve ser comunicada de alguma forma e tratada por ele, para que a criança se torne um adulto responsável e impeça os maus-tratos com a natureza, para que não continuem no futuro, causando mais desastres ambientais.

Os professores devem começar com projetos que tenham como foco a reciclagem e o meio ambiente, mas com base na situação real da criança, por exemplo, tentar descobrir o lixo na rua, no coletivo seletivo da cidade, mesmo na rua das crianças ou lixo na casa de cada uma. Esse processo é valioso porque a criança o vivencia, ou seja, ela observa, toca. É algo concreto, não só da imaginação, e claro que afeta muito mais as pessoas do que revistas, filmes, personagens da internet.

A escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência) e ainda sobre os conteúdos escolares: precisam ser conduzidos de forma que, ao mesmo tempo em que transmitam a cultura acumulada,

contribuam para a produção de novos conhecimentos (LOPES, 1990, p. 68).

Os professores devem agir para permitir que as crianças da educação infantil aprendam a partir de suas vivências e experiências, pois por meio desse processo todos podem se sentir envolvidos no processo de educação ambiental.

As escolas são, portanto, o melhor ambiente para perceber que o meio ambiente deve ser valorizado e, portanto, devem cooperar com projetos, atividades; essas atitudes mobilizam todos para apoiar o combate ao desperdício e apoiar a reciclagem como solução. Para abrir as possibilidades para o surgimento de escolas críticas e inovadoras, é necessário o vínculo entre professores e alunos; construir trabalhos docentes que possibilitem o diálogo com o conhecimento.

Na educação atual, um grande problema que as escolas encontram é a falta de motivação e engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. Principalmente porque para as crianças pequenas, a compreensão da realidade se dá mais por aspectos concretos do que abstratos, pois precisam de engajamento emocional (TALAMONI, 2003).

Portanto, o professor deve sempre inovar, trazer novidades e despertar a criatividade das crianças, ou seja, o jeito da sala de aula é diferente. Hoje, com a popularização dos jogos, como mencionado anteriormente, um bom trabalho é envolver educação ambiental e diversão, além de passar bons momentos em sala de aula, o que levará a diversão e melhor aprendizado.

Todos podem fazer jogos e brinquedos reciclando, como o lixo doméstico de todos. Brinquedos feitos com materiais alternativos, além de ajudar a preservar a natureza, proporcionam às crianças oportunidades para desenvolver a criatividade e o pensamento crítico em relação ao desperdício. O que gera efeitos na economia, diversão e educa as crianças para a conscientização sobre o meio ambiente, também

evidencia que para o pensamento consumista de algumas crianças, o que parece descartável pode se tornar algo lindo e valioso.

[...] o professor ao aprender a construir e utilizar recursos didáticos variados e de fácil acesso, saberá orientar melhor seus alunos. O professor é mediador da relação entre aluno e o conhecimento, organizando o grupo e priorizando as atividades didáticas que possam ser significativas para a aprendizagem, de acordo com a realidade que trabalham e como perfil de seus alunos (GOMES, 2003, p. 268).

O lixo tem um objeto que recupera valor nas mãos das crianças. Também pode ser usado como livro didático. Principalmente nas escolas de ensino fundamental, a reciclagem de resíduos pode ajudar a conscientizar os alunos sobre o uso racional dos recursos naturais (OLIVEIRA; CARVALHO, 2003).

Materiais educacionais atraentes podem ser usados a baixo custo e ensinados aos alunos a economizar e reutilizar. Brincar é uma atividade natural e necessária para as crianças e uma parte importante de sua educação.

Permitir que as crianças montassem seus próprios jogos por meio da reciclagem é uma forma de elas usarem as próprias mãos e conseguirem explicar o que a máquina faz, que é a nossa própria identidade. Quando a criança está jogando, ela está no momento da brincadeira e fica muito feliz ao ver o brinquedo que fez.

O período de criação do brinquedo é sempre básico, mostrando à criança o seu valor, e uma opção mais acessível para as classes menos favorecidas.

A maioria dos brinquedos é projetada para estudar a coordenação das habilidades motoras, os conceitos de tempo e quantidade e a relação entre quantidade e número de uma maneira que seja agradável para a criança e sustentável para o meio ambiente.

[...] ao trabalhar a reciclagem também se trabalha a sensibilização, a compreensão e a responsabilidade do aluno. Na sensibilização, o aluno toma contato com o ambiente ou área de estudo e através de

práticas de percepção ou simples observação, se percebe a dimensão ambiental. Na compreensão o aluno é levado a compreender os ciclos, atividades ou funções de cada parte do sistema de estudo em relação a dinâmica do todo. Na responsabilidade o aluno passa a identificar as responsabilidades devidas a cada integrante do sistema (VIEIRA, 2012, p. 4).

É muito importante ressaltar que a reciclagem promove discussões sobre o cuidado com o meio ambiente e capacita as crianças a protegerem e agirem no planeta em que vivem.

As atividades de sucata permitem que as crianças se desenvolvam de forma saudável, explorem a criatividade e ajudem as crianças a treinar emocionalmente, intelectualmente, socialmente e fisicamente.

Os educadores devem estimular os alunos a separar materiais orgânicos de materiais inorgânicos, para que a organização pareça pessoal e, além disso, fique mais fácil fazer brinquedos. Diversificar materiais reciclados para melhorar o processo de ensino é fundamental. Construir por meio da reciclagem oferece aos alunos uma maneira agradável de estruturar ativamente seu aprendizado para que a construção lhes proporcione novos conhecimentos.

A brincadeira, além de ser uma forma de entretenimento para as crianças, promove o aprendizado, aumenta a capacidade de absorção do que é ensinado e exercita as funções mentais e intelectuais dos jogadores, além disso, esse processo conscientiza as crianças de como usar os resíduos para não degradar o ambiente.

Assim, brincar com a reciclagem permite que a criança imagine o que está fazendo pela natureza, se a está prejudicando ou protegendo, e pense em como ainda pode melhorar.

Os educadores devem enfatizar que a reutilização e a reciclagem são muito importantes porque os resíduos se tornam um problema menor para o meio ambiente ao fazer esse processo, além de serem usados para fazer outras coisas. Os

jogos com tema de reciclagem proporcionam aos alunos uma forma de lidar de forma mais eficaz com o tema “reciclagem”, onde eles começam a sentir maior satisfação em aprender como prevenir a poluição ambiental.

Para o professor, não basta falar de educação ambiental, ele deve praticar com a criança, deixá-la vivenciar e sentir o meio ambiente, o quanto a terra é importante para sua sobrevivência.

Os jogos exigem esforço da criança, ela deve atingir seus objetivos, deixá-la buscar desafios no jogo e mostrar seu valor quando vence. O jogo cria uma atmosfera cativante em torno de atividades que desafiam seu pensamento.

Os educadores precisam trabalhar com jogos dinâmicos e com entretenimento a todo momento, dando aos alunos uma forma de interagir em um ambiente social. A participação em grupo permite desenvolver hábitos interpessoais e descobrir habilidades lúdicas.

A brincadeira em grupo liberta a criança de seu próprio egocentrismo e a força a considerar as perspectivas dos outros.

Jogos feitos com a reutilização de materiais de uso único agregam recursos educacionais ecológicos, econômicos e não consumistas.

Brincar é uma forma de ensinar que, além de dar às crianças uma noção de seu mundo, permite que elas aprendam coisas que ninguém mais pode. “Ao brincar as crianças, praticam os processos complicados e estressantes do cotidiano, fazendo assim, com que possam adquirir maiores habilidades para se comunicar e viver em seu cotidiano” (ANTUNES, 2005, p. 76).

O brincar é puro, criativo, imaginativo e, mesmo para as crianças, constrói cada vez mais diversão dentro de si através do ato de brincar.

Hoje, o lúdico pode se destacar diante dos humanos como algo que gera emoção e razão. Neste estudo, a emoção será a diversão, a diversão do lúdico e o

motivo é a conscientização do lixo para o meio ambiente não degradar, portanto a reciclagem dos belos jogos na confecção de jogos deliciosos.

### **3.2 A sucata como lúdico no desenvolvimento infantil**

As crianças até ao final do primeiro ciclo do ensino básico desenvolvem-se através de atividades lúdicas que logicamente dão continuidade ao desenvolvimento do lúdico como processo de ensino. Dessa forma, as crianças, sob a orientação dos professores, trazem ricas contribuições para o seu desenvolvimento global por meio de jogos e brinquedos confeccionados com materiais como sucatas que possuem ricas possibilidades de exploração e manipulação.

Para brincar de maneira espontânea e criativa, a sucata, os restos, os refugos, a matéria antes de ser elaborada e depois de haver sido usada, não um material muito rico, que não custa nada e que muitas vezes estaria poluindo o meio ambiente por não ser biodegradável (MACHADO, 2007, p. 42).

Todos os materiais de uso único são considerados sucatas, materiais que vêm do lixo da sociedade de consumo, e obviamente não têm mais uso, mas podem ser reaproveitados com um pouco de criatividade.

A partir da falta de criatividade que o consumismo abusivo e os brinquedos industrializados trazem para as crianças nos primeiros anos escolares, os brinquedos/sucata parecem preencher a lacuna entre as necessidades do consumidor e a diversão criativa, além de proporcionar o aprendizado, o fazer em sala de aula e criando uma atmosfera social. E tem também “aquela” conexão, que é educação ambiental + diversão = desenvolvimento e conscientização de um meio ambiente melhor sem degradação.

[...] brinquedo feito com sucata, além de ajudar a preservar a natureza, é oportunidade dada à criança para desenvolver sua criatividade e seu pensamento crítico em relação ao desperdício

(consequência do consumo desenfreado). É uma maneira simples, econômica e divertida de educar e ajudar na formação dos cidadãos mirins (O Futuro do Presente, 2007, p. 4).

O descarte de sucata em brinquedos e jogos permite que os educadores verifiquem o estágio cognitivo em que uma criança se encontra (Friedman, 2001).

Em princípio, o lixo traz um elemento de transformação: é algo diferente, como cabos de vassoura, sementes e caroços, batedeiras quebradas, caixas de papelão ou garrafas pet.

[...] além disso, a sucata é um brinquedo não-estruturado em que é preciso haver ação da própria criança para que a brincadeira aconteça; “O que eu posso fazer com palitos de fósforo riscados?”, ou... “O que uma concha do mar me sugere?” – vem daí um mundo tirado do nada, como o mundo maravilhoso do menino impossível (MACHADO, 2007, p. 42).

Bettelheim (2001 apud MACHADO, 2007, p. 42) escreveu:

É surpreendente o que uma criança pequena pode aprender apenas brincando com o cartucho de papelão de um rolo de papel higiênico, ou quão construtivo e educativo pode ser brincar com caixas vazias. Antigamente, quando as linhas vinham em carretéis de madeira, as crianças pequenas usavam os carretéis como blocos, uma vez que sabiam que os carretéis de madeira tinham uma função essencial nos trabalhos de costura de sua mãe. Assim, pais e filhos viam algo de importante nos carretéis de madeira, ao passo que os blocos são importantes apenas para as crianças.

Hoje, os carretéis são feitos de plástico, mas uma mãe pode pedir a uma costureira, ou se ela mesma costurar, para que a criança trabalhe com ela ou com uma professora, por exemplo, para fazer as rodas de um carrinho.

As crianças também podem coletar rolhas, caixas de fósforos, palitos de sorvete ou palitos de comida chinesa para fazer esses brinquedos-sucata. Aqui, pais e filhos podem interagir neste trabalho. A sucata não precisa funcionar apenas nas escolas, os pais também podem criar lindos jogos e brinquedos com seus filhos.

[...] pois, de maneira simbólica ou por analogia, poderemos lidar internamente com o nosso “lixo” também, usando as partes que não nos agradam para dizer coisas, para fazer, e para ser mais integralmente. Para as crianças, isso se dá de maneira menos pensada, mais inconsciente, e num movimento lúdico no qual a sucata é um “nada” que pode vir a seu um “tudo” (MACHADO, 2007, p. 44).

Porque se os pais valorizam os chamados brinquedos "da moda", como os industrializados e os sofisticados brinquedos eletrônicos, as crianças vão sentir que o mundo exterior, a realidade, é mais importante do que o interior, ou seja, a experiência, a descoberta e a criação.

Não há nada melhor do que deixá-lo inventar e reinventar do jeito que quiser, usando sucatas, reciclando materiais, pois o “poder” desse uso também lhe dará mais autonomia e variedade de pensamento. Como diz Machado (2007, p. 45), “o brincar com sucata, restos e refugos exerce na criança a sua capacidade de escolha e que possa utilizar o material que escolheu da maneira que quiser”.

O papel do educador é importante na atividade, como facilitador do processo, estimulando o engajamento coletivo e desafiando os alunos a buscarem encaminhamentos e resolução de problemas, pois por meio da brincadeira podemos despertar e estimular o espírito de amizade e compreensão nas crianças.

### **3.3 Atividades sugeridas**

Existem jogos de compra, jogos de industrialização e jogos de tecnologia usando *chips* e outros aparelhos modernos. Os de sucata são feitos a partir de latas de achocolatado, tampas, pedaços de madeira, retalhos de pano, copos de iogurte e muito mais.

Os jogos de faz-de-conta também são importantes para as crianças, pois são uma forma de a criança assimilar o mundo real por meio do simbolismo e uma forma de entender o papel de cada personagem, que vive na criação da imitação e

encontra sua posição. Há também atividades consideradas naturais, como viver ao ar livre, correr, escalar, agarrar, empurrar e chutar.

Os jogos em grupo são jogos que permitem uma pós-organização descentralizada, embora não estimulem a competição entre as partes; os jogos de roda são bons, as crianças agem em conjunto, mas os papéis principais se alternam; esses jogos de mesa são simples e educativos, como dominó, mico-preto.

Então aqui está um exemplo de como brincar com os jogos e brincadeiras envolvendo sucata/reciclagem (PORTAL DO PROFESSOR, 2013):

Jogar boliche - A professora sugere que as crianças façam um bom material de jogo, juntamente a ela. Então eles vão usar 10 (dez) garrafas, 1 (uma) bola.

Dessa forma, as crianças vão criar cartazes pedindo às pessoas que doem garrafas plásticas transparentes e brilhantes de 600ml. Os alunos serão responsáveis por trazer meias e jornais usados para reciclagem e produzir papel para enfeitar as garrafas.

Depois que o jogo é feito, as regras são criadas.

Depois de entender as regras, a criança e o professor anotarão os pontos para a primeira, segunda e terceira jogadas, respectivamente.

Dessa forma, as crianças usarão sua criatividade e os professores trabalharão com elas de forma autônoma, pois terão a oportunidade de trabalhar em jogos e materiais de acordo com sua criatividade, além de conscientizar sobre a necessidade de reciclar o lixo e assim evitar seu acúmulo, resultando em degradação ambiental, e interpretar tabelas e gráficos. Essa atividade é um modelo que une educação ambiental e brincadeiras para promover o desenvolvimento da primeira infância.

Pode-se verificar que as crianças dos séculos passados não tiveram infância. Só foi considerada a infância com o cristianismo, possibilitando que as crianças pudessem brincar e se sentir “crianças”.

No entanto, foi somente com o advento do capitalismo que a criança passou a ser vista não mais como um adulto em miniatura, mas como alguém que estava disposto a brincar e queria que seus direitos fossem respeitados. Durante esse período, as crianças eram atendidas por meio de creches, que são projetadas para alimentá-las e dar-lhes uma sensação de segurança, mas não para educá-las.

Brincar com jogos e brincadeiras era apenas por diversão, sem propósito de ensino, sem ênfase no aprendizado enquanto se jogava, cheio de diversão e criatividade.

Hoje, a maioria dos educadores ensina as crianças, principalmente as da educação infantil, por meio de atividades lúdicas. Claro, existem escolas que ainda vivem ao longo dos séculos com visões tradicionais.

Aqueles que fazem as crianças brincarem e aprenderem iniciaram programas e incorporaram a educação ambiental para brincar para que as crianças possam brincar e perceber como podem ajudar a reduzir o lixo em suas casas para um lugar mais bonito e menos poluente, ao cuidar do meio ambiente, trazendo mais vida aos espaços que frequentam.

É um trabalho muito enriquecedor, e quando criança, ao guardar latinhas, carretéis, papéis rasgados coloridos, fazer jogos e fazer deliciosas brincadeiras enquanto ajuda a limpar suas cidades e ambientes.

Por meio de uma atividade mencionada no referencial teórico, o jogo de boliche mostra até que ponto as crianças podem aprender e desenvolver sua autonomia, capacidade de pensamento, autocrítica, diante do mundo ao criar.

Por tudo isso, é muito interessante que os educadores aliem a educação ambiental e a brincadeira, porque as crianças precisam se desenvolver, mas também ser cidadãos responsáveis, encontrar um futuro melhor para os filhos que terão, perseguir a natureza pura, sem degradação.

A maioria das escolas tem educação infantil, educação ambiental, mas apenas por meio de livros didáticos. As crianças têm que ser expostas às suas realidades, têm que investigar e pesquisar as questões ambientais do seu ambiente, têm que participar de palestras e debates sobre os conceitos de coleta seletiva de lixo, lixo hospitalar, de indústrias e ou de casa.

Dessa forma, enquanto na escola de ensino fundamental não são integrados às questões de educação ambiental de forma concreta e autêntica, diminuem nossas chances de uma melhor qualidade de vida. A educação ambiental vai além das comemorações da Semana do Meio Ambiente, plantio de árvores e campanhas de proteção aos animais e à natureza. É preciso alertar as escolas para o processo de degradação ambiental, lembrar as pessoas do que deve ser mantido, mas não foi.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (atualizada)**. 2012. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 16/04/2022.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Resolução CONAMA Nº 275/2001. Estabelece código de cores para diferentes tipos de resíduos na coleta seletiva**. 2011. Disponível em <http://www.cidadessustentaveis.org.br>. Acesso em 16/04/2022.

BRASIL. **Lei 8.069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, Distrito Federal, 1990.

BRANCO, S.M. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 2001.

BROUGÈRE, G. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2003.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil. Prá que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRUZ, Maria Helena Simão. **Psicoterapia corporal**. 2000. Disponível em <http://www.orgonizando.psc.br/artigos/multidisc.htm>. Acesso em 16/04/2022.

FARIA, Vitória & SALLES, Fátima. **Currículo na Educação Infantil**. Diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. (Percurso). São Paulo: Scipione, 2007.

FRANCO, Raquel Rodrigues Franco. **A fundamentação jurídica do direito de brincar**. 2008. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br>. Acesso em 16/04/2022.

FRIEDMANN, Adriana, et al. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scrita, 2001.

GOMES, Rejane Teresinha Dahmer. **Os recursos didáticos e a mediação entre o aluno e o conhecimento nas aulas de geografia**. Vitória: UFES, 2003.

KAMII, Constance & DEVRIES, Rheta. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. Trad. Marina Célia Dias Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

LEONTIEV, A. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

KISHIMOTO, T.M. **Brinquedos: construindo e organizando espaços para brincadeiras de faz-de-contas**. In Revista do Processo. Porto Alegre: Loyola, 1999.

LOPES, M. G. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. 3. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2000.

LOPES, Calos Thomaz. **Planejamento estado e crescimento**. São Paulo: Ática, 1990.

MACHADO, M.M. **O brinquedo-sucata e a criança: A importância de brincar / Atividades e materiais**. São Paulo: Loyola, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papyrus, 2003.

MATOS, Paula. **Desenvolvimento Sustentável - Descarte do lixo**. Disponível em <http://www.webquestbrasil.org>. Acesso em 16/04/2022.

MATTOS, Marluza. **Pneu velho, problema novo**. Junho 2006. Disponível em <http://terraazul.m2014.net>. Acesso em 16/04/2022.

MELO, José Pereira de. **Motricidade humana e pedagogia do movimento**. São Paulo: Mimeo, 2001.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde**. São Paulo: Huciter, 2004.

MOYLES, Janet. **Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MURCIA, Juan M. e colaboradores. **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NEOTTE, Linda. **Moda infantil na Idade Média, Jean Jacques Rousseau e a “criança produto”**. Disponível em <http://fashionatto.literatortura.com>. Acesso em 16/04/2022.

O futuro do presente. **Brinquedo de sucata**. 2007. Disponível em: Acesso em 16/04/2022.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Maria Vendramini Castrignano de; CARVALHO, Anésio Rodrigues. **Princípios Básicos do Saneamento do Meio Ambiente**. São Paulo: Senac, 2003.

PORTAL DO PROFESSOR. **Jogo de boliche**. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>. Acesso em 16/04/2022.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. **A marca da infância: quando o fazer é fingir**. GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n. 07, 2009.

ROSEMBERG, F. **Creche**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2001.

SANTOS, Santa Marli Pires dos; CRUZ, Dulce Regina Mesquita da. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Nelson Pedro. **Pedagogia afetiva**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SILVA, Aparecida Francisco da; KODAMA, Helia Matiko Yano. **Jogos no ensino de matemática**. II Bienal da Sociedade Brasileira de Matemática, UFBA, 2004. Disponível em <https://www.ime.usp.br>. Acesso em 04/04/2022.

TALAMONI, J. L. B. & SAMPAIO, A. C. **Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania**. São Paulo: Escrituras, 2003.

VIEIRA, Eliezer de Jesus. **A reciclagem como instrumento de ensino**. Disponível em <http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br>. Acesso em 04/04/2022